

resenhas

Os paradoxos da repetição

Paulo Marcos Rona

“Os paradoxos da repetição” é uma coletânea. Uma coleção de textos independentes reunidos, porque assim foram “encomendados”, sob um mesmo conceito, o de repetição. É de comum acordo entre os autores que o tema interessa a mais de um campo de saber, e foi dentro de alguns desses campos que aqueles foram escolhidos para contribuir para uma visão que, desde o início, se propõe psicanalítica. Com efeito, *Os paradoxos da repetição* foi um ciclo de conferências realizadas no espaço cultural Contraponto, no ano de 2013, sob os auspícios de Dominique Fingermann que, no mesmo ano, conduzia um seminário no Fórum do Campo Lacaniano de São Paulo, intitulado “A repetição na experiência analítica”. Assim, ainda que o convite, e a generosa contribuição dos conferencistas, proponha uma interlocução entre a psicanálise e alguns outros campos, nominalmente a filosofia, a literatura e a música, é um recorte psicanalítico naturalmente que orienta uma leitura dessa coletânea. Porém, é essencial que essa chave de leitura se mantenha na posição em que foi concebida, isto é, como pergunta. Algo do tipo: como vocês, que são de outros lugares, veem a repetição? Dessa forma, a iniciativa da organizadora é altamente louvável: 1) por efetivamente estabelecer essa interlocução com diversos campos, sendo a psicanálise não quem oferece um saber, mas quem pergunta por um; 2) por fazer a psicanálise se voltar a diferentes saberes, incluindo diferentes perspectivas da própria psicanálise, e exercitar aquilo que é seu método: a escuta; 3) por proporcionar, nessas mesmas linhas, um evento, de cunho político até, baseado em um encontro com a diversidade e aberto à surpresa de diferentes sotaques e dizeres e, 4) por, generosamente compilar parte do produto desses encontros nessa coletânea. Parte, somente, porque dos encontros que se deram de forma real, em um tempo em que o virtual tem tanto espaço, neste livro somente se pôde recolher alguma coisa da experiência que nem mesmo as gravações registradas na internet podem dar conta. Mesmo assim, isso não é pouco.

Dois dos artigos aí incluídos são de autoria de Dominique Fingermann, apresentando o ponto a partir do qual se poderia estabelecer um começo para a leitura dos demais. O capítulo 9, “Repetição e experiência psicanalítica”, apresenta uma prestação de contas do seminário realizado e que deu ensejo a esta publicação. Debatendo com outro seminário, um de Colette Soler, de mesmo título, a autora percorre o caminho do conceito de repetição em suas transmutações desde Freud, em duas parcelas de suas elaborações, até Lacan, também balizando dois

momentos significativos de sua teoria. A autora mostra como Freud e Lacan identificaram a repetição primeiramente como partícipe e produto do inconsciente simbolicamente compreendido para, defrontados com problemas clínicos, elevá-la a conceito mais fundante, seja como *Wiederholungszwang*, derivado da pulsão de morte, além do princípio de prazer, em Freud, seja como encontro (sempre) falho com o real, além da supremacia simbólica, causa do sujeito e conceito fundamental, em Lacan. A psicanalista discute essa transformação teórica em suas consequências clínicas, não como “demônio a ser exorcizado”, mas como necessidade lógica a ser enfrentada, como incurável estrutural que a topologia da prática psicanalítica faria passar do estatuto da impotência para aquele da impossibilidade. Decorrente dessa demonstração, em ato, a fantasia perderia seu sentido de interpretação neurótica, abrindo espaço para o acaso, para a contingência, para o que poderia se apresentar como novo. “Uma análise pode chegar nesse ponto de passe, de extração de seu alcance ético, lógico e poético, mais além de sua redundância patética” (p. 193).

“Desejo e repetição”, o segundo artigo de Dominique Fingerman (capítulo 10), percorre por vias um pouco diferentes essas trilhas freudo-lacanianas, mas agora com a inclusão de considerações sobre o desejo, tanto em Freud como em Lacan. O desejo baliza, nesse texto, a mudança teórica dos dois psicanalistas de referência, indo da fixação do sintoma como realização simbólica do desejo, e por isso repetida, para seu avesso como determinação do desejo a partir da repetição fundante do sujeito. “Podemos, portanto, articular o desejo como efeito da repetição e a repetição como efeito do Dizer” (p. 207). À tríade Dizer — Repetição — Desejo, a autora parafraseia *ENCORE*. Marguerite Duras é então convidada para a “dança do *encore*” num belo esforço de encenação do *pas-de-deux* repetição e desejo.

Suplementarmente, nos dois textos, Kierkegaard, com sua ideia de *reprise* e *retomada*, assim como Nietzsche, com a de *eterno retorno*, também são citados, pela via também de Lacan, o que dá o tom para os demais autores convidados.

Por suposto, neste convite, não se trata de ratificar qualquer teoria psicanalítica, de Freud ou de Lacan. Encontrar semelhanças entre as formulações extraídas de filósofos e as de psicanalistas não promove os primeiros pelo aval dos últimos, nem esses pela anuência dos primeiros. Tratemos de não reencontrar a teoria de Lacan, ou a de Freud, no pensamento de Nietzsche, Kierkegaard ou Deleuze. Ouçamos o que esses, nas palavras dos autores, têm a dizer sobre o tema que nos é comum, a repetição, surpreendendo-nos, seja com as semelhanças, seja com as diferenças.

De Nietzsche e o *eterno retorno*, escutaremos, por exemplo, que é a utopia mais íntima do autor, o primeiro movimento puramente afirmativo no lugar de um

começar, um novo começo, um santo dizer sim, gesto puro e sem medida que aspira a uma ressurreição permanente no interior de uma imanência. Trata-se de “dar à própria vida a forma de uma obra de arte, de tal maneira que se possa viver sem se arrepender de nenhum instante” (p. 23). Eticamente, que é somente no momento em que ser sujeito implica ser responsável, sem poder de nenhuma forma se remeter a alguma outra instância, teológica ou cosmológica, que se abre a dimensão do instante que se quer eterno. Naturalmente, os passos dos filósofos Juliano Pessanha e Oswaldo Giacoia Júnior, que nos abrem generosamente as portas de Nietzsche, são mais lentos e mais delicados que este abrupto convite à leitura. À paciência didática de Giacoia alia-se o escrito extremamente original de Juliano Pessanha, com um depoimento de Nietzsche em primeira pessoa (!), autorizado, segundo o próprio autor, pela presença de uma “ferida similar”, a qual promoveria, por isso mesmo, uma “leitura dionisiana”. Com um tom cheio de audácia, a repetição ganha nova forma nessa espécie de testemunho.

De Kierkegaard, que o mesmo Oswaldo Giacoia Júnior, mas também Vinícius Castro Soares, igualmente filósofo e pesquisador da obra do colega dinamarquês, nos apresentam, vemos que a repetição se torna retomada (literalmente *Wiederholung*), repetição que, essa, faz abandonar as certezas e explicações abrindo possibilidades para o novo, seja o que “a vida graciosamente dá” (p. 35). “Essa repetição é o que permite um tornar-se Si Próprio, um advir àquilo que inconscientemente se é” (p. 36). Se aí ouvimos a ressonância com o *Wo Es war sol Ich werden* de Freud, ou de Lacan, não é porque interpretamos Kierkegaard à luz da psicanálise, mas, justamente ao contrário, porque percebemos que a interpretação do filósofo nos abre os ouvidos, seja com notas ressonantes ou dissonantes. Outra vez, com vagar e clareza, vemos aparecer na repetição não o diabólico retorno do mesmo, da mesma tentativa frustrada de se encontrar o objeto, do mesmo fracasso em se fechar a brecha entre o reviver e o lembrar, mas a possibilidade do infinito das infinitas possibilidades. Desde que essa retomada tenha como condição o fracasso da experiência, a frustração de não se conseguir restabelecer o passado pela tentativa de repetição, em um gesto radical, “uma espécie de mortificação simbólica do indivíduo” (p. 225).

A filosofia dá ainda sua contribuição na palavra de Deleuze, na fala de Luiz B. L. Orlandi, outro especialista. O filósofo destaca, com generosa modéstia e poesia, que a repetição tem algo a ver com o tempo presente na vida das pessoas, impondo uma estranheza de um encontro paradoxal, que ao repetir o aparentemente mesmo já a faz, a repetição, não mesma. Vemos repetir-se o problema do surgimento do novo e Deleuze, autor de *Différence et répétition*, é acompanhado nesse movimento, mas neste caso, com nova perspectiva: por meio de uma teoria do tempo. Naturalmente, damos graças ao autor, a repetição que repete o objeto, mas que não repete quem a contempla exige uma doutrina do tempo e

dos afetos, e é por essa via que uma das formas de repetição fornece a conclusão “o absolutamente novo, é, por sua vez, apenas repetição (...) desta vez por excesso, a repetição do futuro como eterno retorno” (p. 103).

Michel Bousseyroux, psicanalista, reúne Freud, Lacan, Nietzsche, Kierkegaard e Blanchot (!) em sua discussão sobre a repetição. Porém, a história de Blanchot e a “felicidade de ser quase fuzilado” rouba a cena, apresentando o efeito também passível de ser libertador de um encontro falho com o Real, o da (própria) morte, no caso.

Literatura também aparece nas mãos de Manuel da Costa Pinto e Camus. Pintura, nos pincéis de Sérgio Fingermann e Monet, e música, no ouvido de José Miguel Wisnik, recitando Gregório de Matos e Bandeira ou cantarolando Beethoven, o que incrementa as perspectivas sobre a repetição nessa coletânea. Seja como um tema repetido, o do testemunho de uma execução pelo pai de Camus, que se repete por meio de diversas obras ao longo de muitos anos, por exemplo. Cena que nem ao menos foi presenciada, mas cujo relato transmitido pela mãe do autor dá provas do efeito de um encontro insuportável e paradoxalmente criador. Criador que “não escreveu senão o mesmo livro indefinidamente recomeçado” (p. 90). Repetição de uma mesma cena, a Catedral de Rouen, em 28 telas, por Monet, série na qual cada tela guarda a memória do conjunto. Um múltiplo, portanto, repetitivo, no entanto, único, por fim, fazendo com que a repetição do tema coloque não mais a Catedral em primeiro plano e, com efeito, nem o pintor, mas o próprio ato de pintar, como reconhece o artista. E também na música, na qual o tempo de repetição reaparece, na música do soneto, no qual quando o som é repetido, o significado já é outro. Também na música rítmica, percussiva, ou na tonal, explorada à (aparente) exaustão quanto às modalidades de repetição. Original e essencial neste livro a presença de um CD que fala e mostra o que diz.

A heterogeneidade das perspectivas prossegue com um paralelo traçado magistralmente (trabalho de mestre) por Christian Dunker, psicanalista, entre Freud e Darwin, propondo a repetição como conceito que não supõe a identidade primeira do repetido. Em (demasiado) poucas palavras, chega-se que a pulsão de morte freudiana, não conduz ao fim da vida, mas é seu começo, e que, com Darwin, pode-se defender que a pulsão de morte, coligação entre contingência da compulsão à repetição (*Wiederholungszang*) e do retorno (*Wiederkehr*), pode ser apresentada como instrumento de produção de variabilidade, e não do mesmo, portanto.

A importância das narrativas, anteriormente aberta por Camus, reaparece em outra perspectiva que uma psicanalista nos dá: Maria Rita Kehl. Aqui, é a história que ganha proeminência e depois de Freud, é Walter Benjamin quem é invocado para sustentar que a narrativa escutada e recontada permita que alguém tanto pertença a uma comunidade, levando a história adiante, como se perceba herdei-

ro de uma tradição, trazendo consigo uma história. Rede simbólica que se tece para frente e para trás. O rompimento dessa rede, nominalmente da tradicional, favorece a emergência da *barbárie*, seja do uso de armas de destruição maciça, na Primeira Guerra Mundial, pela perda das referências pela quais os europeus se reconheciam como pertencentes a um mesmo patrimônio cultural, seja da iniciativa inominável dos campos de extermínio durante a Segunda Guerra Mundial, pelo rompimento do elo com as gerações passadas. Porém, também na repetição da barbárie que repete execuções sumárias, assassinatos e ameaças típicas do período ditatorial de nossa história, pela ausência de uma narrativa forte e bem fundamentada que transforme os restos da vivência traumática experimentada.

Enfim, mas não necessariamente nesta ordem, escolhida meramente para fins expositivos, Vladimir Safatle, novamente um filósofo, e um leitor criterioso de Lacan, apresenta uma construção do próprio conceito lacaniano de repetição. Os dois momentos de Lacan também aqui se apresentam e, é claro, Kierkegaard. Modo de gozo, a repetição é reiterada como motivada por algo que não se deixa subsumir pela lógica da maximização do prazer e afastamento do desprazer. Gozo, no entanto, que pode se servir de objetos que quanto mais se repetem, mais revelam sua contingência, que por serem contingentes podem ser desperdiçados, “pois desperdiçar algo é uma forma de usá-lo livremente”, porque “na verdade, só se goza o que se desperdiça, só se usa livremente o que pode ser desperdiçado” (p. 77). Lógica avessa ao fantasma do qual a repetição tem, portanto, o poder de livrar.

Para concluir, de fato, os textos não aparecem nesta ordem, mas poderia esta ser uma, diferente da impressa, proposta para a leitura, que não deixa de ressaltar o que neles se repete e deles se decanta, o que eles interpretam e reinterpretem, e como suas frequências, apesar de sintônicas, também nos dão a curiosa impressão de um batimento.

